



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS TRABALHADORES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

GERLANE OLIVEIRA SILVA LIMA

JOÃO PESSOA
2014

GERLANE OLIVEIRA SILVA LIMA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS TRABALHADORES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Educação da **Universidade Federal da Paraíba**, orientado pela professora **Ms. Laura Maria de Farias Brito**, para obtenção do título de graduação em pedagogia.

Orientadora: PROF^a. MS. LAURA MARIA DE FARIAS BRITO.

JOÃO PESSOA

2014

L732d Lima, Gerlane Oliveira Silva.

As dificuldades enfrentadas pelos alunos trabalhadores da educação de jovens e adultos / Gerlane Oliveira Silva Lima. – João Pessoa: UFPB, 2014.
37f.

Orientador: Laura Maria de Farias Brito
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação de jovens e adultos. 2. Alunos trabalhadores.
3. Práticas pedagógicas atrativas. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7 (043.2)

GERLANE OLIVEIRA SILVA LIMA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS TRABALHADORES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Laura Maria de Farias Brito
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Alves de Azeredo
(Examinador/a)

APROVADO COM A NOTA: _____

João Pessoa, 28 de março de 2014.

A DEUS, que nos deu a dádiva da vida com as melhores qualidades. E ELE que me move neste mundo tão difícil, mas é com SUA ajuda, que posso sempre fazer o melhor de mim para que melhore.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS por ter me dado à oportunidade de estar concluindo esse curso, apesar das dificuldades que encontrei, que foram muitas.

A minha orientadora, Laura Maria de Farias Brito, que apesar de seu tempo corrido, me deu suporte, incentivo e a correção.

A minha família, em especial meu esposo, Pedro, e a meus filhos, Maria Eduarda, Pedro Henrique e Maria Sofia, pelo amor e incentivo para que não desistisse nas dificuldades do meu tempo corrido e compreendendo, em algum momento, minha ausência. Aos meus pais, Antônio e Josefa.

Aos meus colegas da Academia, Siméia, Luzia, Marcelo, Patrícia, Julyanna e Elayne, pelo companheirismo nesses anos juntos e a todos professores.

E a todos que, diretamente ou indiretamente, que fizeram parte da formação da minha vida pessoal e profissional. MUITO OBRIGADA!

*“A educação tem caráter permanente.
Não há seres educados ou não educados.
Estamos todos nos educandos.”*

(FREIRE)

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) contempla o segmento da população que não teve acesso à escola na idade adequada. Pois, trata-se de uma educação voltada para um público diferenciado, a qual exige dos professores práticas pedagógicas capazes de fazer com que estes alunos permaneçam na escola. A temática escolhida traz ideias acerca desta modalidade de ensino fazendo uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos trabalhadores da EJA. Para fundamentar o tema procuramos referências bibliográficas como Freire para construir a argumentação. A importância desta pesquisa está na sugestão de alternativas que visem a motivação destes alunos. Partimos do pressuposto de que dificilmente os cidadãos conseguem desfrutar de uma boa qualidade de vida na sociedade de hoje, sem uma educação que os prepare para viver em sociedade. Assim, nosso objetivo principal foi estudar e pesquisar a relação escola x trabalho para os jovens e adultos da EJA, buscando compreender como melhor adequar os tempos e espaços da sala de aula, de modo a facilitar o acesso à aprendizagem, conforme os interesses e necessidades reais deste público. Os objetivos específicos são os seguintes: a) construir um perfil dos alunos da rede pública de ensino, que frequentam uma sala do Ciclo II da EJA, no que se refere a: vinculação com o mundo do trabalho, tipo de trabalho, jornada diária e semanal, condições de trabalho e salarial; b) saber a importância e necessidade do estudo revelada ou expressada por cada um; c) identificar o nível de expectativa desses alunos/trabalhadores em relação à escola e a real contribuição que a escola - intencionalmente, ou não – vem oferecendo para atender tais expectativas. Quanto aos resultados destacamos que os alunos veem nos estudos uma forma de superar suas condições precárias de vida e todos já observaram mudança depois que estão na escola.

PALAVRAS-CHAVE:. A Educação de Jovens e Adultos. Alunos trabalhadores. Práticas pedagógicas atrativas.

ABSTRACT

Educating Youth and Adults (EJA) includes the segment of the population had no access to school at the appropriate age . Well , it is an education aimed at a different audience, which requires of teachers capable of teaching practices cause these students to remain in school. The chosen theme brings ideas about this type of education making a reflection on the difficulties faced by students EJA workers . To support the theme seek references as Freire to build the argument. The importance of this research lies in suggesting alternatives that address the motivation of these students . We assume that citizens can hardly enjoy a good quality of life in today's society without an education that will prepare them to live in society . Thus , our main goal was to study and research the relation x school work for youth and adults of AYE , seeking to understand how best to fit the times and spaces of the classroom in order to facilitate access to learning , according to the interests and needs this real audience. The specific objectives are to: a) build a profile of students in public schools who attend a Fitness Cycle II of the EJA , with regard to: link with the world of work , type of work , workday and weekly , working conditions and wages ; b) know the importance and necessity of the study revealed or expressed by each; c) identify the level of expectation of these students / workers in relation to the school and the real contribution that school - intentionally or not - has offered to meet such expectations . As for the results highlight that the students see the studies a way to overcome their precarious living conditions and have observed all change once they are in school .

KEYWORDS: Educating Youth and Adults. Student workers. Attractive pedagogical practices.

SUMÁRIO

PARTE 1 – INTRODUÇÃO.....	11
PARTE 2 - PARA COMPREENDER A EJA.....	13
2.1 - Entendendo a EJA a partir da sua Concepção e Funções.....	13
2.2 - Conhecendo um pouco da História da EJA.....	15
2.3 - Identificando o público da EJA (educandos jovens e adultos).....	17
PARTE 3 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO.....	19
PARTE 4 - RECONHECENDO E ANALISANDO UMA PRÁTICA DE EJA.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

PARTE 1 - INTRODUÇÃO

Através deste trabalho, buscamos, primeiramente, cumprir uma exigência acadêmica para conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Área de Aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Por outro lado, foi uma oportunidade de estudar e pesquisar um tema relacionado à esta área de EJA.

A escolha deste tema que trata da relação Estudo x Trabalho para os jovens e adultos que frequentam as salas de EJA, surgiu partir do Estágio Supervisionado IV, realizado à noite, no período letivo 2013.1 com alunos desta modalidade de ensino, da Escola Municipal Carlos Neves da Franca, localizada no Bairro José Américo, da cidade de João Pessoa/PB. A partir da nossa aproximação e observações realizadas foi possível perceber as dificuldades de aprendizagens desses alunos, supondo que tais dificuldades não se explicariam apenas pela questão da idade, para o público adulto. Considerando o fato de serem trabalhadores em atividades que lhes exigem grande esforço físico, além de longas jornadas diárias de trabalho, à noite estão exaustos fisicamente e mentalmente.

A partir destas constatações nos questionamos: Até que ponto a escola tem correspondido às expectativas e interesses desses alunos, em relação às suas atividades no trabalho? Qual a contribuição real desses estudos para a vida e trabalho desses alunos? Enfim, o que o aluno aprende na escola serve para a sua vida, enquanto trabalhador ou cidadão?

Assim definimos o nosso **objeto de estudo**: estudar e pesquisar a relação escola x trabalho para os jovens e adultos da EJA, buscando compreender como melhor adequar os tempos e espaços da sala de aula, de modo a facilitar o acesso à aprendizagem, conforme os interesses e necessidades reais deste público.

Definimos como **objetivo geral**, analisar os limites e possibilidades de conciliar estudo e trabalho na prática pedagógica da EJA. Quanto aos **objetivos específicos** procuramos: a) construir um perfil dos alunos da rede pública de ensino, que frequentam uma sala do Ciclo II da EJA, no que se refere a: vinculação com o mundo do trabalho, tipo de trabalho, jornada diária e semanal, condições de trabalho

e salarial; b) saber sobre a importância e necessidade do estudo revelada ou expressada por cada um; c) identificar o nível de expectativa desses alunos/trabalhadores em relação à escola e a real contribuição que a escola - intencionalmente, ou não – vem oferecendo para atender tais expectativas.

Este trabalho teve como aporte teórico os autores, FREIRE (1979, 2013) GADOTTI (2008); SAVIANI (2008).

Além destes, foram consultados documentos oficiais relacionados à EJA, como LDB, Diretrizes Curriculares e Publicações de SECADI.

De acordo com o tema e os objetivos estabelecidos, este trabalho pode ser caracterizado como pesquisa exploratória e descritiva. Segundo Gil (2009), o estudo exploratório caracteriza-se por perceber o objeto numa visão geral do fato. E o estudo descritivo deve fazer uma descrição das características básicas dos sujeitos investigados, narrando às especificidades do grupo investigado, tais como: idade, sexo, renda, situação cultural, dentre outros.

Identificamos a abordagem como de natureza qualitativa com a análise e crítica das informações e depoimentos obtidos através da observação, dos contatos informais, questionários e entrevistas.

Este texto está organizado da seguinte forma: na Parte II apresentamos uma Caracterização da EJA a partir da, foi trabalhado o conceito, as funções a história, bem como o público alvo da EJA. Na parte três foram abordadas as práticas pedagógicas e a relação com o mundo trabalho. Finalmente na parte quatro foram analisados os dados obtidos durante a pesquisa de campo.

PARTE 2 – PARA COMPREENDER A EJA

2.1 – Entendendo a EJA a partir da sua Concepção e Funções

A compreensão da Educação de Jovens e Adultos (EJA) supõe, em princípio, conceituá-la, entender as funções, saber um pouco da sua história e do seu público.

Trata-se de uma modalidade de ensino destinada a pessoas jovens e adultas que não tiveram oportunidade de escolarização no Ensino Fundamental e Médio na idade considerada *apropriada*. Como o conhecimento é um processo contínuo e o ser humano é um indivíduo inacabado, a escolarização nunca tem ponto final. Como mostra Freire:

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente processo de busca [...]. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. (FREIRE, 1997, p.64).

A continuidade do processo de educação nos seres humanos implica no reconhecimento de que sempre é possível aprender; não existe uma idade *apropriada*. Podemos aprender até o fim da vida se nos mantemos abertos ao novo. Enquanto existir vida nos seres humanos, existe a capacidade de aprender sempre mais.

Os objetivos da EJA, conforme consta na Declaração de Hamburgo, são vistos como

[...] um processo de longo prazo, desenvolvem a autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e das comunidades, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na economia, na cultura e na sociedade como um todo; promove a coexistência, a tolerância e a participação criativa dos cidadãos em suas comunidades, permitindo assim que as pessoas controlem seus destinos e enfrentem os desafios que se encontram à frente. (UNESCO MEC, 1998.)

O mundo está sempre em transformação, e a educação fica com um papel importante, de manter todos bem informados para que possam ter autonomia e responsabilidade em suas decisões em suas vidas como cidadão.

Aqui ressaltamos as **funções da EJA** previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (BRASIL, 2000)

Função Reparadora. Ninguém deve ter seus direitos civis negados, e para isso a função reparadora tem esse objetivo de reparar essa dívida social do direito a educação, de qualidade. Uma educação em que os jovens e adultos sintam-se capazes de enfrentar o mundo do qual fazem parte. Uma educação que os façam se sentirem iguais a todos; e não inferiores. Este direito é previsto na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB (nº 9394/96),

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem finalidade do pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Quando diz que “... tem a finalidade o pleno desenvolvimento do educando,...” entendemos que significa que essa educação é (ou, precisa ser) de qualidade.

Função Equalizadora - Equalizar também significa equilíbrio, igualar. Essa função busca o alcance da igualdade considerando a especificidade de cada educando, a uma reparação, correção àqueles, que por algum motivo, não foram inseridos ou não continuaram na escola. A igualdade de oportunidade visa a diminuição da desigualdade social através da qualificação profissional. Essa função é a que mais se identifica com nosso objeto de estudo, pois estar relacionada diretamente ao trabalho.

Função Qualificadora ou Permanente. Qualificadora no sentido de qualidade, além de ser uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Podendo estar inserida no currículo escolar ou no currículo oculto, ou seja, podendo estar explícito, ou não. Uma educação inovadora, contínua, pondo em prática de que o ser é inacabado e está sempre aprendendo até o fim da vida.

2.2 – Conhecendo um pouco da História da EJA

Ainda para compreender a EJA destacamos, em seguida, alguns dos seus aspectos históricos, a partir de 1930:

Os acontecimentos históricos de 1930 foram muito importantes para as transformações tanto no campo político e econômico, quanto no social. Em consequência dessas mudanças, houve a necessidade de retornar e elaborar novas políticas para o processo da educação básica de jovens e adulto, foi a partir deste período que esta modalidade de educação, até então não era reconhecida como modalidade, começou a se estabelecer de forma efetiva na história da educação brasileira (BELLO, 2001).

Em 1934 com a promulgação da constituição, foi criado um Plano Nacional de Educação que indicava *ser dever do Estado a educação de jovens e adultos*. Neste plano estavam incluídas as normas quanto à oferta de Ensino Primário Integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. Porém, somente na década seguinte, começam de fato iniciativas concretas, visto que havia a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização para a grande camada da população até então excluída da sociedade. (BELLO, 2001).

Ainda de acordo com Bello (2001) em 1964, O Ministério da Educação realizou no Brasil, o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, que foi organizado e planejado a partir de orientações do educador Paulo Freire. No entanto, com o golpe militar de 1964 todos os programas que visavam à alfabetização e o fortalecimento de uma cultura popular das classes mais pobres das sociedades foram eliminados, extintos. Somente o Movimento de Educação de Bases (MEB) permaneceu, uma vez que este estava vinculado a Igreja Católica e ao Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Em 1967, o Governo Federal autorizou a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual tinha como principal objetivo *erradicar* o analfabetismo. Além deste objetivo o movimento também tinha como finalidade

preparar mão de obra necessária destinada aos interesses capitalistas do Estado. O MOBRAL foi ampliado para todo o território nacional em 1970 diversificando várias áreas. E em 1971, foi promulgada a lei 5.692, que garantia o Ensino Supletivo no Brasil. Isto representou um grande avanço para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Por volta dos anos 80 o Brasil passou por grandes transformações políticas, econômicas e sociais, em 1985, ocorre o fim o regime militar brasileiro e o Brasil começa a voltar ao processo de democratização no país. A Fundação Educar, que substituiu o MOBRAL, mantendo os mesmos espaços de articulação com Estados e Municípios, redimensionaram suas ações, mas foi extinto no Governo Collor.

Com a Constituição de 1988 ficou garantido o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito para todos. Se por um lado, havia este respaldo legal para a EJA, a década que se seguiu, (90) representou um período de estagnação em termos de políticas públicas e de ações voltadas para a alfabetização e o ensino de adultos. Foi criado o Programa Alfabetização Solidária limitado a alguns Estados e Municípios, no Governo FHC. Pode-se dizer que o primeiro grande avanço, a partir dessa época, foi a discussão e elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, o ano de 2000 (BRSIL, 2000).

A partir de janeiro de 2003, na gestão do Presidente Lula a alfabetização de jovens e adultos é anunciada como prioridade. Registra-se um maior investimento nesta área, principalmente, em relação à formação de educadores para atuarem em salas de EJA e foi lançado em todo país o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) através de parceria ente o MEC, Estados, Municípios, Instituições de Ensino Superior e organizações sem fins lucrativos (ONGs) para desenvolver ações de alfabetização. Este Programa permanece até os dias atuais, no Governo DILMA. Além do PBA, vários outros Programas tem sido implementados nesta área de EJA, para trabalhadores do Campo e da Cidade, entre os quais citamos: PRONERA, PROEJA, PROJOVEM CAMPO, PROJOVEM, PROCAMPO, PRONATEC

Um aspecto a ser considerado nas experiências de EJA é a diversidade cultural e as especificidades em relação à visão de mundo, experiências acumuladas

e características de aprendizagem do público por ela atendido – jovens e adultos, trabalhadores (ou não) e, em geral, com uma história conflituosa em relação à escola. No item a seguir trataremos desta caracterização o público da EJA.

2.3 – Identificando o público da EJA (educandos jovens e adultos)

Os alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos – EJA, são indivíduos a partir dos 15 anos de idade, fora da faixa etária que, por motivos distintos, não tiveram chance ou oportunidade de estudar ou continuar os estudos quando criança e hoje sentem essa necessidade de aprender o que lhe foi negado no passado. Esses alunos, geralmente, possuem uma baixa autoestima, são bastante tímidos, na maioria das vezes são trabalhadores do dia e da semana inteira, possuem dificuldades financeiras, por isso sentem a necessidade de voltar para sala de aula, segundo Moacir Gadotti (2008, p.31)

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego...

Todos são trabalhadores, mesmo que não estejam inseridos no trabalho formal, mas trabalhadores que enfrentam um grande inimigo para estarem e continuarem na escola, o cansaço, depois de uma longa e dura jornada de trabalho, esses alunos e alunas chegam com fadigas, estresses, falta de concentração, sono, e tudo isso é consequência do cansaço.

Mas, apesar das dificuldades, esses alunos e alunas que estão na EJA são cientes de que nunca é tarde para aprender e que a aprendizagem é contínua e pode acontecer ao longo da vida, o indivíduo só para de aprender quando não há mais vida.

Apesar de esses alunos possuírem mais responsabilidades que os alunos de idade regular, eles não possuem tempo suficiente para estudar, são pessoas que

dormem e se alimentam mal, com isso sua concentração para o raciocínio fica comprometida, diferente dos outros alunos.

Essas tarefas, de estudar e trabalhar, não são impossíveis, mas para isso tem que haver um planejamento na administração do tempo de cada estudante trabalhador para que nenhuma dessas tarefas, necessárias a vida de todos sejam comprometidas.

E o jovem que frequenta a EJA, na maior parte dos casos, foram alunos diurno que mostravam desinteresses pelos estudos, atingiu os 15 anos de idade e não puderam continuar durante o dia e foram colocados à noite, as vezes não trabalham.

PARTE 3 – O MUNDO DO TRABALHO RELACIONADO COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

3.1 – O mundo do trabalho

O trabalho, para Albornoz (2006), é a relação do homem com a natureza, o homem aprende ser homem a partir de seu trabalho, pois desde o início da humanidade essa relação existe, mesmo que fosse de forma tão primitiva.

Quando se trata de EJA e seu público, o trabalho (ou o mundo do trabalho) é uma questão a ser priorizada, uma vez que esta condição de trabalhador (pelo trabalho ou não-trabalho) é o que dá identidade a estas pessoas. É pelo trabalho que o homem constrói a sua existência; é através do trabalho que os seres humanos estabelecem relação com a natureza. É a partir dessa relação que existe a produção de coisas necessárias e úteis para a continuidade da existência dos seres humanos. Esta é a forma do homem produzir CULTURA.

Num primeiro sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que determina, pelo grau de desenvolvimento social atingido historicamente, o modo de ser da educação em seu conjunto. Nesse sentido, aos modos de produção correspondem modos distintos de educar com uma correspondente forma dominante de educação. E um segundo sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas que o processo educativo deve preencher, em vista da participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo. Finalmente, o trabalho é princípio educativo num terceiro sentido, à medida que determina a educação como uma modalidade específica e diferenciada de trabalho: o trabalho pedagógico (SAVIANI *apud* ZANELA, 2011, p. 9).

Foi a partir do trabalho que se fez a humanização do ser social, é a partir da humanização que há educação, educação ato em seres racionais, apenas os seres racionais desenvolvem a inteligência, a inteligência é característica apenas dos seres humanos. Todos os seres são inacabados de acordo com Freire (1979) “O cão e a árvore são também seres inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado” (p. 27).

Apenas os seres humanos são capazes de pensar, refletir e agir sobre si e seu trabalho. Eles possuem a capacidade de criar e recriar a sua realidade social.

Mas para isso o ser tem que ser um indivíduo crítico, e só pode ser crítico com o conhecimento, pois o conhecimento é o caminho para alcançar objetivos.

O trabalho muitas vezes, esta associado à fadiga, ao desgaste físico e mental. Porém necessário à sobrevivência financeira no sistema capitalista em que se vive atualmente.

Os alunos do segmento da EJA, na maioria das vezes, são trabalhadores sem qualificação; são trabalhadores despendem muito esforço físico e que, conseqüentemente, gera, pela fadiga da jornada diária de trabalho, dificuldades de concentração para a aprendizagem.

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação a inserção em situações de aprendizagem essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

Apesar de terem essa capacidade de reflexão, esses alunos também possuem as dificuldades, essas pessoas quando se submetem a tarefas árduas e de menor reconhecimento financeiro, em condições desumanas, colocadas em risco a saúde e a sua vida. Aqui estamos nos referindo à sua condição de explorado. Esse tipo de trabalho é desgastante, raramente é ligado ao prazer, a criatividade, ao gosto pelo que é feito, e não tem como ser, pois ainda não é bem remunerado, deixando de atender as necessidades básicas dos seres humanos, e ainda são desprezados por pessoas que desmerecem esses trabalhadores.

Esses alunos já trazem consigo saberes e habilidades e é fundamental o educador desse segmento ter conhecimento desses saberes, saberes que podem serem transformado em conhecimento, tornando esse conhecimento mais acessível aos educandos.

3.2 – Práticas Pedagógicas destinadas aos alunos da EJA

Enquanto modalidade da Educação Básica, a EJA assume a função *reparadora* pelo fato atender a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação durante a infância. A característica dela não está somente no fato de lidar com adultos, mas principalmente, por se tratar de uma questão sociocultural dos educandos.

Sendo assim, é preciso que se leve em consideração os conhecimentos prévios e a cultura de cada um destes educandos, para que os mesmos se sintam a vontade neste meio e se reconheçam sujeitos pertencentes ao ambiente escolar. Desta forma, o estudar se torna algo significativo, o educador precisa utilizar práticas pedagógicas que valorizem as características próprias do alunado da EJA.

De acordo com Oliveira (1999), há uma grande diferença entre a educação de jovens e adultos que ainda estão no processo de alfabetização e o estudante adulto universitário, pois enquanto o aluno da EJA na maioria das vezes é um migrante da zona rural, com passagem curta pela escola, filho de analfabetos, com experiência de trabalho rural na infância e na adolescência buscando se alfabetizar e ser aceito na sociedade letrada.

Identificamos em Freire (2013) grandes lições para a prática educativa em salas de EJA, particularmente na sua obra *Pedagogia da Autonomia*. Estas são algumas das suas indagações:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 2013,p.32)

xxxxxxxxxxxxx

Levando isto em consideração é importante que os professores da EJA conheçam a cultura destes alunos, identifiquem suas especificidades, procurando junto com eles explorar a cultura popular para, a partir dela, desenvolver suas

práticas pedagógicas valorizando o saber de cada um. Esta prática supõe uma outra que é o SABER OUVIR. É escutando esse aluno que se desperta nele o interesse de ouvir o educador. No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua da comunicação dialógica. (FREIRE, 2013, p. 114). O educador, primeiramente, tem que saber escutar para dialogar com seus educandos. Pois é o que diz FREIRE (2013) ensinar não é transferir conhecimento (p. 24) e que Não há docência sem discência (p. 25), a aprendizagem é recíproca.

Nesta mesma perspectiva, Fonseca (2002) afirma que os professores da EJA devem pautar-se por três condições definidas: Primeiro devem lembrar que estes alunos já não são mais crianças, por isso não se deve trabalhar com práticas infantilizadoras em turmas da EJA. Isto poderá levar o aluno a se sentir ridicularizado e resultar em desistência, uma vez que estas práticas já não são características de faixa etária. Talvez por isso haja tanta evasão escolar.

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre a escola e o aluno que dela se servem, embora não possamos desconsiderar os fatores de ordem socioeconômica. Logo, torna-se essencial na EJA, que a escola e mais especificamente o professor desenvolvam ações que envolvam os estudantes, que estimulem a participação deles e que busquem atingir seus interesses e expectativas, visando à superação da marca da exclusão e consequentemente a permanência na escola. OLIVEIRA (1999, p.62).

Outro aspecto a ser considerado, segundo o autor é que, normalmente, este aluno se encontra na condição de excluído da escola, pois ainda perdura uma cultura de que escola é para crianças ou jovens. Outro fator que faz com este aluno se sintam excluído são as práticas pedagógicas que levam o aluno a desistir da escola, ou provocam seu insucesso no processo de ensino aprendizagem.

E por fim a condição de membros de determinados grupos culturais, que se refere à diversidade de vivências que fazem os alunos serem portadores de uma cultura específica, de um conhecimento próprio de um grupo.

Percebe-se, portanto, que não é de agora esta discussão sobre as práticas pedagógicas para a EJA. Ao longo das duas últimas décadas muito já foi pesquisado

e produzido sobre este assunto, sempre na perspectiva de repensar e propor novos princípios teóricos e metodológicos para esta prática. O que parece inquestionável é a necessidade de uma prática pedagógica diferenciada, que valorize a identidade sociocultural destes alunos, além de atender às suas expectativas, anseios e interesses. Esta ideia é reforçada por Freire (2013) quando defende que o educador deve ter bom-senso para levar em consideração e “coerência os saberes que os alunos já possuem e para isso deve-se respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade dos mesmos e dos seus saberes” (FREIRE, 2013, p. 61).

Em síntese, vale ressaltar que, nas práticas pedagógicas, principalmente na EJA, é importante esse respeito à identidade dos alunos e a valorização de suas culturas, bem como os conhecimentos prévios, concepções de mundo e de experiências, saberes trazidos pelos alunos à sala de aula. Isto significa acolhimento, segundo Nadal (2007, p.23), indispensável, pois: “Enquanto interlocutor, o aluno deixa de ser visto como aquele que somente escuta para ser o sujeito que troca com o professor, que participa que ouve e também é ouvido”.

Todas estas observações aqui trazidas compõem a prática que se fundamenta numa **concepção dialógica** onde o diálogo e a participação são facilitados, instigados, onde o saber ouvir passa a ser fundamental; onde a diversidade presente na sala de aula deve ser encarada como um fator positivo, porque ao expressar suas ideias, o aluno mostra suas diferenças e experiências vividas, aumentando desta forma as possibilidades de compreender melhor o mundo que lhe cerca e do qual faz parte.

Portanto, deixar que os alunos se expressem livremente, sem dizer o que é certo ou errado é uma maneira de respeitar sua subjetividade e de conhecer de forma mais eficiente a sua cultura.

A valorização deste tipo de prática permite a escola cumprir o seu papel na formação humana, dando oportunidade para que haja a socialização dos conhecimentos. Para Nóvoa (2002) há três pressupostos para a complexidade do processo de ensino aprendizagem. Em primeiro lugar, para este processo ser bem sucedido depende da colaboração do aluno, ele precisa participar ativamente do processo, só assim haverá sucesso na aprendizagem; o segundo ponto está ligado

ao campo das emoções, pois na sala de aula estabelecem-se as mais diferentes relações do professor com os alunos, dos alunos com os alunos, e de ambos com outros membros da comunidade escolar. O terceiro ponto está relacionado com o cumprimento de objetivos que a educação formal deve seguir.

Conforme Veiga (2006, p.24), "Para o professor concretizar seu ato de ensinar de forma satisfatória, o vínculo afetivo é uma dimensão indispensável, uma vez que as emoções, interesses pessoais, sonhos permeiam toda a relação pedagógica".

Também para "seria ingenuidade da parte do profissional da educação tratar separadamente o relacionamento com seus alunos, vendo apenas como alunos sem a afetividade". (FREIRE, 2013, p. 138).

Isto vem corroborar toda essa discussão que diz respeito à valorização dos saberes que estes alunos trazem para a sala de aula, bem como a importância que se deve dar ao emocional destes alunos, uma vez que o processo de ensino aprendizagem envolve a sensibilidade tanto do professor, quanto do aluno e principalmente quando se trata da EJA, sabendo-se que muitas vezes este já vem de situações bastante adversas, e isto exige muita habilidade por parte dos professores, no momento do acolhimento a esta parcela da sociedade, a qual foi negada um dos direitos básicos que é o direito à educação.

PARTE 4 - RECONHECENDO E ANALISANDO UMA PRÁTICA DE EJA

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

Esta seção tem como finalidade descrever os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo. Conforme Gil (2011, p. 26) a pesquisa científica pode ser definida como “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”. Nesse sentido, serão apresentados a seguir o tipo de estudo aplicado, os sujeitos envolvidos, e a metodologia adotada segundo o objetivo e quanto à análise dos dados. metodologia de pesquisa pode ser caracterizada como um estudo descritivo e exploratório, segundo os objetivos, elaborados a partir de materiais publicados sobre a temática do estudo.

O estudo descritivo, segundo Gil (2011) deve fazer uma descrição das características básicas dos sujeitos investigados, narrando às especificidades do grupo investigado, tais como: idade, sexo, renda, situação cultural, dentre outros. Já o estudo exploratório caracteriza-se por perceber o objeto numa visão geral do fato, sendo a primeira etapa de um trabalho científico ainda pouco discutido na academia. Percebemos este fato quando adentrarmos no referencial teórico, pois a discussão do uso de tecnologias aplicadas ao ensino de Letramento ainda é pouco pesquisado no âmbito nacional. (GIL, 2011).

Quanto à análise dos dados esta pesquisa se caracterizou por ser um estudo de caso simples com única interação de dados que segundo Yin (2005) consiste em um estudo intensivo das variáveis envolvidas, a partir de uma ampla compreensão do assunto investigado. O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário semiestruturado composto de 17 questões. O questionário semiestruturado é um instrumento de investigação constituído de questões abertas e fechadas sobre a

temática discutida. Para alcançar os objetivos da pesquisa elegemos como sujeitos do estudo quatro alunos do EJA da Escola Municipal Carlos Neves, na cidade de João Pessoa. A metodologia de ação foi estruturada em três etapas: Aplicação do questionário, observações dos participantes e verificação dos resultados. A primeira etapa da pesquisa visava conhecer os alunos no seu ambiente de aprendizagem. Para isso utilizamos um questionário semiestruturado composto três partes: a primeira - identificação do perfil dos aprendentes; a segunda - relação com a escolar; e a terceira e última parte - relação com o trabalho

O segundo momento da pesquisa refere-se às observações dos participantes. Nesta etapa, nossa intenção é de averiguar se o cansaço destes alunos interfere no desenvolvimento da aprendizagem. A terceira e última parte remete a verificação dos resultados e efeitos da utilização das estratégias de ensino adotadas no processo de ensino aprendizagem. Neste momento utilizaremos novamente o questionário semiestruturado para averiguação dos resultados.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

A experiência do Estágio Supervisionado em EJA, por dois semestres consecutivos, durante o Curso de Pedagogia, nos proporcionou esta aproximação com os alunos/trabalhadores que frequentam as salas desta modalidade de ensino e nos permitiu, também, tomá-la como objeto de estudo para a produção deste TCC.

A Escola Municipal Carlos Neves da Franca, localizada no bairro José Américo de Almeida da cidade de João Pessoa/PB foi, portanto, o espaço da nossa atuação como pesquisadora.

Aqui pretendemos registrar aspectos desta prática, principalmente, da construção do perfil da turma, obtida através da observação e da aplicação de um questionário.

Aqui é apresentado o questionário, com perguntas elaboradas por mim e orientada pela professora Ms. Laura e respostas dos entrevistados, alunos do Ciclo II da EJA, e as respostas estão em ordem por entrevistados. Meu estágio aconteceu em encontros de dois estágios, sendo o primeiro no período de 2013.1 com cinco encontros e o segundo no período de 2013.2 com seis encontros, tendo muitas

dificuldades com a falta da presença de alunos. A aplicação do questionário foi realizado em duplas e cada dupla realizou em uma noite, totalizando dois encontros no último estágio. Sendo os demais encontros compostos por observações e conversas informais, nessas conversas informais foi um momento riquíssimo para minha pesquisa.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE TRABALHAR E ESTUDAR

I-IDENTIFICAÇÃO

1-IDADE: 16

17

34

40 ANOS

2-SEXO: (X)M ()F

(X)M ()F

()M (X)F

()M (X)F

3-ESTADO CIVIL:

SOLTEIRO

SOLTEIRO

SOLTEIRA

CASADA

4-CIDADE DE ORIGEM:

JOÃO PESSOA

JOÃO PESSOA

IBIARA

JOÃO PESSOA

5-ATIVIDADE PROFISSIONAL:

FAÇO BICO DE GARÇOM

FAÇO BICO DE AJUDANTE DE PINTOR

SOU DO LAR, RECEBO UM BENEFÍCIO POR TER PROBLEMA NA VISÃO

SOU DOMÉSTICA, DE CARTEIRA ASSINADA.

II-RELAÇÃO COM A ESCOLAR

6-JÁ ESTUDOU QUANDO CRIANÇA? SE ESTUDOU POR QUE NÃO DEU CONTINUIDADE? E EM QUAL INSTITUIÇÃO?

SIM, ESTUDO DESDE CRIANÇA, PÚBLICA

SIM, ESTUDO DESDE CRIANÇA, PÚBLICA

SIM, MAS SEMPRE INTERROMPIA POR CAUSA DA VISÃO, PARTICULAR

COMECEI ESTUDAR AOS 12 OU 13 ANOS, QUE ASSIM QUE NASCI FUI MORAR NO INTERIOR E SÓ VIM MORAR AQUI NA CIDADE COM ESSA IDADE, PÚBLICA

7-COM QUE IDADE FOI ALFABETIZADO? E ONDE?

12 ANOS, NA ESCOLA

14 ANOS, NA ESCOLA

8 ANOS, NA ESCOLA

18 ANOS, NA ESCOLA

8-POR QUE PAROU OS ESTUDOS?

NUNCA PAREI

APESAR DE SER ATRASADO, NUNCA PAREI, É QUE EU ERA DESINTERESSADO

POR CAUSA DA VISÃO, NUNCA SEGUIA COM OS ESTUDO

ALÉM DE TER COMEÇADO TARDE, ERA DESINTERESSADA E EM SEGUIDA COMECEI A TRABALHAR LOGO CEDO

9-HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS? ESTA VENDO PROGRESSO?

3 MESES

2 ANOS

2 ANOS

2 ANOS

10-POR QUE DECIDIU VOLTAR OU INICIAR OS ESTUDAR?

PASSEI DA IDADE DE ESTUDAR DURANTE O DIA

PASSEI DA IDADE DE ESTUDAR DURANTE O DIA

SENTI NECESSIDADE DE APRENDER MAIS POR CAUSA DO MEU PROBLEMA

SENTI NECESSIDADE POR CAUSA DO TRABALHO, A PATROA PEDIA PARA FAZER LISTA DE COMPRAS, RECEITAS E OUTRAS COISAS

11-JÁ TEVE ALGUMA MUDANÇA DEPOIS QUE ESTÁ NA ESCOLA? SE TEVE, QUE MUDANÇA FOI ESSA?

JÁ, APRENDI A LER E ESCREVER

JÁ, APESAR DE AINDA TER DIFICULDADE PARA ESCREVER, MAS MINHA VIDA MELHOROU EM QUESTÃO DE APRENDER.

JÁ, POSSO FAZER MINHA LISTA DE COMPRA, LER A BULA DO REMÉDIO E ENTENDER ALGUMAS COISAS QUE ANTES ERA MAIS DIFÍCIL

JÁ, FAÇO AS RECEITAS QUE A PATROA PEDE, SEI QUAIS REMÉDIOS DÁ A PATROA, CADA UM EM SUA HORA E MELHOROU EM TUDO

12-PRETENDE CONTINUAR NA ESCOLA ATÉ QUANDO?

ATÉ TERMINAR O ENSINO MÉDIO

NÃO SEI

ATÉ QUANDO DEUS QUIZER

ATÉ ONDE DER

13-ENFRENTA ALGUMA DIFICULDADE PARA ESTAR AQUI NA ESCOLA, SE ENFRENTA, QUAL?

NÃO

NÃO, AS VEZES QUANDO EU TRABALHO FICO CANSADO AÍ DA UMA VONTADE DE NÃO VIR

QUANDO ESTÁ ESQUISITO FICO COM MEDO

TRABALHO O DIA TODO E A NOITE ESTOU MORTA DE CANSADA

14-VOCÊ ESTUDA FORA DO HORÁRIO DA ESCOLA? SE ESTUDA, ISSO É FREQUENTE? E QUANTAS HORAS SÃO DEDICADAS A ESSE ESTUDO? E SE NÃO ESTUDA, POR QUÊ?

NÃO, TENHO PREGUIÇA

NÃO, PORQUE AS VEZES TRABALHO

ESTUDO SIM, ATÉ MESMO FAÇO UM ACOMPANHAMENTO NA FUNAD

NÃO, TRABALHO DAS 8H DA MANHÃ ATÉ AS 5H DA TARDE, CHEGO NAS CARREIRA PARA CUIDAR DE JANTA E VIR PARA ESCOLA

III-RELAÇÃO COM O TRABALHO

15-QUANTOS DIAS DA SEMANA VOCÊ TRABALHA E QUANTAS HORAS POR DIA?

FAÇO BICO SÓ NOS FINAIS DE SEMANA, DAS 6H DA NOITE ATÉ MEIA NOITE

FAÇO BICO QUANDO TEM, AS VEZES TODOS OS DIAS E TEM QUE TERMINAR O SERVIÇO

NÃO TRABAHO

DE SEGUNDA À SÁBADO, DAS 8H DA MANHÃ ÀS 5H DA TARDE, DE SEGUNDA A SEXTA E NO SÁBADO, DAS 8H ATÉ 12H

16-VOCÊ ACHA QUE O CANSAÇO DO TRABALHO INTERFERE NA APRENDIZAGEM? POR QUÊ?

EU QUASE NÃO TRABALHO PARA INTERFERIR

EU ACHO SIM

NÃO TRABALHO, MAS COM CERTEZA

COM CERTEZA, QUANDO ESTOU MAIS CANSADA DÁ VONTADE DE NÃO VIR PARA ESCOLA

17-VOCÊ ACHA QUE OS ESTUDOS SÃO IMPORTANTES PARA SUA VIDA PROFISSIONAL? POR QUÊ? E SE NÃO ACHA IMPORTANTE, POR QUÊ?

ACHO QUE É

É, NÉ? ENQUANTO MAIS A GENTE ESTUDA MAIS ARRUMAMOS UM TRABALHO MELHOR

COM CERTEZA, SE EU TIVESSE ESTUDO EU NÃO PRECISARIA DESSE BENEFÍCIO

COM CERTEZA, SE EU TIVESSE ESTUDADO QUANDO CRIANÇA, NÃO ESTAVA TRABALHANDO NAS COZINHAS DOS OUTROS

Analises das respostas

Participaram da pesquisa, 4 alunos do Ciclo dois, com idades de 16, 17, 34 e 40 anos. Não foi constada nenhuma dificuldade em virtude da diversidade da faixa-etária. Em relação ao sexo, dois são do sexo masculino e dois do feminino, apenas uma casada e os demais, são solteiros; apenas uma nasceu no interior do Estado, na cidade de Ibiara, e três nasceram em João Pessoa. Todos trabalham e assim informaram suas atividades: um disse que fazia “bico” de garçom; outro respondeu que fazia “bico” de ajudante de pintor; uma aluna disse ser do lar e que recebia um benefício por causa de um problema na visão, e por último, outra aluna disse que é doméstica- esta tem carteira assinada.

Todos os respondentes já haviam tido experiências anteriores com a escola: dois disseram que estudaram desde criança e sempre em escola pública, um respondeu que estuda desde criança, mas sempre interrompia por causa da visão, e estudou em escola particular, por último uma aluna respondeu que só começou a estudar aos 12 ou 13 anos de idade, em escola pública porque logo que nasceu foi morar no interior, onde a dificuldade para estudar era maior e só há pouco tempo veio morar em João Pessoa. A estas informações acrescentaram que foram

alfabetizados (em escolas). Apenas um foi alfabetizado com a idade de 8 anos. Os outros, tardiamente, aos 12, 14 e 18 anos, o que dificulta na maioria das vezes a alfabetização, pois quanto menor a faixa-etária mais facilidade as pessoas têm para se alfabetizar.

Quando perguntado sobre o que consideram motivos para terem parado de estudar ou não terem avançado na escolarização, declararam o seguinte: um respondeu que "nunca parou"; outro disse que "apesar de ser atrasado, nunca parou, é que era desinteressado mesmo", uma aluna respondeu que o motivo foi a visão, por último, uma aluna afirmou que nunca seguia com os estudos, pois "além de ter começado tarde, era desinteressada" e começou a trabalhar logo cedo.

Destaca-se ainda que 3 destes alunos estão há dois anos frequentando a EJA, estes já se alfabetizaram, embora ainda tenham dificuldades em relação à leitura e a escrita. Os motivos que apresentam para retornar à escola são diversificados: os dois mais jovens responderam que "passaram da idade de estudar durante o dia", uma disse sentiu necessidade de aprender mais por causa do problema da visão e, para a doméstica a necessidade surgiu "por causa do trabalho, pois a patroa pedia para fazer lista de compras, receitas e outras coisas".

O questionário continha questões que procurou saber se estes alunos perceberam mudanças em sua aprendizagem e em suas vidas, quando assim se expressaram: um afirmou já ter havido mudança pelo fato de "ter aprendido a ler e a escrever"; outro respondeu que também já observou mudança, "apesar de ainda ter dificuldade para escrever", mas que sua vida melhorou em consequência de ter aprendido. Uma das alunas afirma que "houve sim mudança, pois já consegue fazer sua lista de compra, ler a bula do remédio e entender algumas coisas que antes era mais difícil", por último, a aluna que trabalha como doméstica assegura ter havido mudanças, uma vez que "já faço as receitas que a patroa pede, sei quais remédios dar a patroa, cada um em sua hora e melhorou em tudo" portanto, podemos deduzir por estes depoimentos que o acesso ou o domínio da leitura e a da escrita, tem permitido a estes alunos transitarem com mais tranquilidade e desenvoltura para

resolver as questões do cotidiano no trabalho e na vida.

Porém, em termos de perspectivas para continuidade as respostas são evasivas ou pouco pretensiosas,, sem sonhos maiores, quando assim se expressam: "pretendo continuar até terminar o Ensino Médio" ou "até quando Deus quiser" ou "até aonde der para ir" há o que respondeu que não sabe dizer..

A decisão de voltar à escola à noite, é sempre mais difícil para os adultos. Alegam principalmente o cansaço do trabalho durante o dia. Quanto aos jovens, possivelmente, por não terem um trabalho fixo, dizem que não enfrentam dificuldades.

Em relação ao trabalho, foco principal desta pesquisa procurou-se saber dos quatro alunos quantos dias da semana eles trabalham e quantas horas por dia. Obtivemos como resposta o seguinte: um afirmou que faz bico, mas só nos finais de semana, das 6h da noite até meia noite. Outro respondeu que faz bico quando tem, às vezes todos os dias, mas tem que terminar o serviço, um disse que não trabalha, e por último uma respondeu que trabalha de segunda à sábado, das 8h da manhã às 5h da tarde, de segunda a sexta e no sábado, das 8 horas até às 12 horas.

Quando foram questionados sobre se o cansaço do trabalho interferia na aprendizagem, as respostas foram as seguintes: "quase não trabalho, por isso não interfere", "acho sim", "não trabalho, mas que com certeza interfere" e "com certeza, quando estou mais cansada, não dá vontade de vir para escola".

Cada um, ao seu modo, considera que o cansaço pelo trabalho interfere na aprendizagem. Isto nos parece inquestionável. Esta é uma situação *sentida na pele*, pelos nossos alunos e alunas trabalhadores/as. Compreendemos, no entanto, que outros fatores, nem sempre citados, porque nem sempre compreendidos, podem interferir (e sem dúvida interferem) não são abordados.

Os alunos adultos tem convicção da importância dos estudos para a vida profissional. As suas respostas não deixam dúvidas em relação a isto, inclusive, esta é uma forma de expressar a sua expectativa em relação à escola, ao saber escolar: ajuda a mudar de vida "quanto mais a gente estuda, mais pode arrumar um trabalho

melhor" e "se eu tivesse estudado quando criança, não estava trabalhando nas cozinhas dos outros". Para esta questão os jovens repetem com evasivas: "É, né ?"

Neste sentido, Campos (2003) citando Fonseca (2002), afirma que este pode ser um dos motivos para o abandono escolar quando o jovem e adulto deixam de ir escola para trabalhar; ou porque não tem condições físicas de assistir aula em consequência do cansaço, por outra os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir.

Gadotti (2008) afirma que os jovens e adultos trabalhadores lutam e buscam nos estudos uma forma de superar suas condições precárias de vida, em relação ao direito à moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, entre outros, pois na maioria das vezes estes problemas são causados pelo analfabetismo. Para definir a especificidade da EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego.

As mudanças acontecem em outras dimensões. Outro dado relevante da pesquisa é que todos já observaram mudança depois que estão na escola. Neste ponto, há algo de muito importante que diz respeito a sua autoestima, pois é bem comum nas turmas da EJA os alunos apresentarem baixa autoestima, isto na maioria das vezes é consequência reforçada de fracasso escolar. esse respeito Ribeiro (2001) afirma que uma eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Quando estes alunos se dão conta de mudanças positivas, voltam à sala de aula com a autoestima elevada, e isto gera sentimentos de segurança e de valorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

Após a análise dos dados obtidos, percebi que minha hipótese, citada no início deste trabalho, não foi comprovada, apesar da jornada trabalho diário ser bastante cansativo para uma das entrevistadas, isso não se estende aos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou as dificuldades de alunos trabalhadores da EJA. Com essa pesquisa foi possível perceber que apesar de muitas dificuldades o trabalho não é um motivo forte no fracasso e no abandono, tem vários motivos que causam esses problemas.

Diante disto pôde se inferir que os jovens e adultos trabalhadores veem nos estudos uma forma de superar suas condições precárias de vida, em relação ao direito a moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, entre outros, pois na maioria das vezes estes problemas são causados pelo analfabetismo. Portanto, a escola não pode jamais esquecer a especificidade da EJA, pois estes jovens e adultos analfabetos são fundamentalmente trabalhadores.

Outra conclusão relevante desta pesquisa diz respeito ao fato de que todos já observaram mudança depois que estão na escola. Neste ponto, há algo muito importante em relação a sua autoestima, pois é bem comum nas turmas da EJA os alunos apresentarem baixa autoestima, isto na maioria das vezes é consequência do fracasso escolar. Ao realizar este trabalho observei que a discussão sobre alunos da EJA que trabalham e estudam ainda é pouco pesquisado no âmbito nacional.

A pesquisa apontou que há alunos que nunca pararam de frequentar a escola, mesmo assim não avançaram nos estudos. Diante disso, ficam os questionamentos: o que a escola tem feito? Como tem trabalhado? Por que na auto avaliação os próprios alunos afirmam serem desinteressados? E porque não há interesse? Que escola é essa que não consegue despertar a vontade de aprender nesses alunos? O que interessa aos nossos jovens e adultos? A escola procura saber? Aqui se explicaria apenas pelo fato de trabalharem?

Mas o que pude perceber é que, com a aplicação do questionário e as conversas informais, minha hipótese de que a dificuldade de aprendizagem dos alunos da EJA seria a cansativa jornada diária de trabalho não foi comprovada, existem outros fatores citados entre esses alunos, tendo um sutil comprovação da hipótese pela quarta aluna.

Talvez, uma das dificuldades para um jovem, ou ainda adolescente seria

frequentar uma turma à noite, junto com pessoas adultas ou idosas. Ou por outro lado, poderia ser constrangedor frequentar as salas do turno do dia, junto com crianças. Outro questionamento é como a escola vem trabalhando com turmas diversificadas, não apenas em relação à faixa etária, mas em razão dos interesses e necessidades tão diferenciados. Como a escola poderia contemplar a situação de cada um. Com essa pesquisa foi possível inferir que alguns professores ainda não estão preparados para enfrentar estas situações. Pois muitos destes profissionais não possuem formação específica para atuar na EJA. Porém essas questões podem serem exploradas em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARELARO, L. G. e KRUPPA, S. P. Educação de jovens e adultos. In: **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. 2 ed. São Paulo: Xamã, 2007. P. 85-105.

BELLO, J. L. P. **Educação no Brasil: a História das rupturas**. Pedagogia em Foco, Rio de Janeiro, 2001.

BICUDO, M. A. V.; KLÜBER, T. E. . **Pesquisa em Modelagem Matemática no Brasil: A caminho de uma Meta-Compreensão**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), 2006.

BRASIL. **Cadernos EJA 1: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Alunas e alunos de EJA**. Brasília: MEC/SECAD, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ejacaderno.pdf>>. Acesso em: 30 de jun de 2013

_____. **Cadernos EJA 2: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – A sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem**. Brasília: MEC/SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf> Acesso em: 30 de jun. de 2013.

_____. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº9394/96**. Brasília: 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 21 de dez. 2013

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de Alexandre de Moraes. 16 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Parecer CEB 11/2000**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

CAMPOS, E. L. F.; OLIVEIRA D. A. **A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização**, na Universidade Federal de Minas Gerais. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979. 31 ed.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2013. 46 ed.

GADOTTI, M.; ROMÃO J. E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. **Educação de Jovens e Adultos: um cenário possível para o Brasil**. Disponível em: <
http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/EJA_Um_cenario_possivel_2003.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed São Paulo: Atlas, 2009.

NADAL, B.G. et al. **Práticas pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e Adultos como sujeitos da aprendizagem**. 22ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu. 1999.

RIBEIRO, V. M. M. **Educação de Jovens e Adultos: ensino fundamental proposta curricular**. São Paulo: Ação Educativa. 2001.

SAVIANI, D. **A Pedagogia no Brasil: História e Teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, M. P.; PEIXOTO, R. C. **A contribuição da educação física para a alfabetização**. *Revista Digital*. Dez., ano 11, nº 103. 2006. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd103/alfabetizacao-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 03 jan.2014.

UNESCO. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos**. In: V CONFINTEA. Brasília: MEC, 1998.

VEIGA, I.P.A. et al. **Lições de didática**. São Paulo: Papirus, 2006. PARANÁ. Secretaria

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 3. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 116-134, abr2011 - ISSN: 1676-2584 http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art09_41e.pdf José Luiz Zanella1

ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.